



LITERATURA E IMAGINAÇÃO GEOGRÁFICA: POSSIBILIDADES DESCOLONIAIS NA GEOGRAFIA ESCOLAR

Daniel Moreira Billo ¹

RESUMO

O artigo investiga a influência da colonialidade na construção dos significados e imaginários geográficos no ensino de Geografia, propondo alternativas descoloniais por meio da literatura. O estudo parte da análise dos discursos hegemônicos presentes na Geografia Escolar e busca estratégias para desconstruí-los, valorizando narrativas silenciadas de povos quilombolas e indígenas. Utilizando como metodologia o levantamento de obras literárias do Sul Global e textos não ficcionais que apresentam cosmologias alternativas, o trabalho explora como a literatura pode ampliar o repertório epistemológico e estimular a imaginação geográfica dos estudantes. O artigo destaca o papel da literatura na produção de espacialidades e significados, mostrando como narrativas literárias podem revelar identidades territoriais, sentimentos de pertencimento e experiências de alteridade. Exemplos como a obra “A terra dá, a terra quer”, de Antônio Bispo dos Santos, ilustram processos de descolonização do imaginário geográfico. Concluindo que o diálogo entre Geografia e Literatura é fundamental para promover uma educação geográfica crítica, capaz de questionar discursos eurocentrados e valorizar múltiplas cosmologias. A proposta aponta para a formação de professores engajados em práticas pedagógicas plurais e descoloniais, que repovoem o imaginário dos alunos com novas geografias e narrativas.

Palavras-chave: Geografia Escolar; Literatura, Imaginação Geográfica, docência em Geografia, descolonial.

ABSTRACT

The article investigates the influence of coloniality on the construction of meanings and geographic imaginaries in Geography education, proposing decolonial alternatives through literature. The study begins with an analysis of hegemonic discourses present in School Geography and seeks strategies to deconstruct them, valuing silenced narratives of quilombola and Indigenous peoples. Using as methodology the survey of literary works from the Global South and non-fiction texts that present alternative cosmologies, the work explores how literature can broaden the epistemological repertoire and stimulate students' geographic imagination. The article highlights the role of literature in the production of spatialities and meanings, showing how literary narratives can reveal territorial identities, feelings of belonging, and experiences of otherness. Examples such as the work “A terra dá, a terra quer” by Antônio Bispo dos Santos illustrate processes of decolonization of the geographic imaginary. It concludes that the dialogue between Geography and Literature is fundamental to promote a critical geographic education, capable of questioning Eurocentric discourses and valuing multiple cosmologies. The proposal points to the training of teachers engaged in plural and decolonial pedagogical practices, which repopulate students' imaginaries with new geographies and narratives.

Keywords: School Geography; Literature, Geographic Imagination; Geography Teaching; Decolonial

¹ Mestrando do PROFGEO - UERJ da Universidade Federal - UF, autorprincipal@email.com;



INTRODUÇÃO

O presente trabalho investiga a colonialidade como força hegemônica na construção de significados na Geografia Escolar, com foco na constituição das imaginações geográficas. O objetivo central é traçar estratégias para confrontar essa hegemonia e explorar alternativas descoloniais emergentes nas narrativas literárias. Para isso, são abordadas questões fundamentais como a espacialidade nos textos literários, a produção de imaginações geográficas e as possibilidades de descolonização do imaginário geográfico, especialmente no contexto da docência em Geografia.

Desta forma, a descolonização dos imaginários geográficos é abordada como processo de desconstrução de discursos hegemônicos e recuperação de narrativas silenciadas. A Literatura é apresentada como possibilidade para repensar o espaço e a identidade, a partir de narrativas que propõem epistemologias contra-hegemônicas e pluriversais

METODOLOGIA

Este trabalho pretende alinhar-se a uma perspectiva contra-hegemônica contribuindo para ressignificar narrativas forjadas pela colonialidade por meio do epistemicídio (Carneiro, 2005) a qual povos quilombolas e indígenas foram alvo. Buscaremos recuperar suas histórias e geografias silenciadas. Neste sentido, será feito um levantamento de obras literárias produzidas por autores do Sul-Global. Também podemos recuperar obras não ficcionais, mas que nos apresentam outras cosmologias e permitem acesso a outras imaginações geográficas, a exemplo da obra *a terra dá, a terra quer* (2023) do líder quilombola Antônio Bispo dos Santos. A partir deste levantamento serão investigadas as possibilidades para a Geografia Escolar de descolonização dos imaginários geográficos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Antes de debatermos os possíveis entrelaçamentos entre a Geografia e a Literatura, ambas compreendidas como modos de manifestação e possibilidade de compreensão do



fenômeno da espacialidade, devemos delimitar o campo teórico e as bases epistemológicas em que a presente pesquisa se situa, pois

pensar a relação Geografia-Literatura não é apenas aproximar dois campos do conhecimento. Envolve aproximar duas visões de mundo que, enquanto tais, possuem suas especificidades, virtudes e limitações. Uma aproximação simplista reduziria o potencial compreensivo de uma ou de outra. Quer dizer: ler literariamente a Geografia ou ler cientificamente a Literatura, numa transposição de discursos, produziria deformações e reduções, diminuindo assim a riqueza da interação e a sua permeabilidade. (Marandola Jr., 2009, p.488)

Desta forma, devemos em um primeiro momento buscar algumas definições e fazer algumas distinções necessárias para podermos trilhar o caminho que nos leve a consecução dos objetivos ora propostos. Neste sentido, como nos adverte o professor Eduardo Marandola Jr (2009, p,488): “Geografia e espaço não são sinônimos, mas a ciência geográfica centrada no espaço possui conceitos e um método próprio que produz um discurso sobre o espaço”. Portanto, partimos do pressuposto que Geografia e Literatura são dois campos discursivos distintos, entretanto não podemos entender o espaço, ou a espacialidade, presente em seus campos semânticos como fenômenos diferentes.

Destarte cumpre-nos estabelecer como o saber geográfico pode se manifestar. Para tanto, utilizarei como ferramenta metodológica os “três domínios” em que residiriam a noção de “geográfico” enquanto qualidade de ser da Geografia (Gomes, 2017). Essa divisão foi proposta pelo professor Paulo Cesar da Costa Gomes em seu livro *Quadros Geográficos: uma forma de ver, uma forma de pensar* em seu capítulo introdutório, no qual ele afirma “que o primeiro desses domínios é uma forma de sensibilidade, uma espécie de impressão causada pela dimensão espacial” (2017, p.17). Seria, dessa maneira, uma relação instintiva com o espaço e estaria relacionada a nossa capacidade de estar no espaço enquanto um corpo físico (sensível) capaz de “saber se orientar, de constituir traçados entre coisas diversas que estão dispersas no espaço” (2017, p.17).

Ainda sobre esse primeiro domínio podemos compreendê-lo como um estágio anterior a consciência de mundo, ou como o próprio Gomes aponta: “podemos nos juntar a Kant (1724-1804) e dizer que a existência da dimensão espacial é anterior a percepção” (2017, p.17). Logo, estaríamos aqui no campo de uma “sensibilidade espacial” (2017, p.18) desprovida de reflexão.



Na espécie humana, teríamos uma dificuldade em isolar o que estaria apenas no campo do sensível por estar profundamente amalgamado ao “segundo domínio”. Sendo este correspondente a uma forma de inteligência (Gomes, 2017, p18). Neste ponto pode-se falar de ações conscientes no espaço de modo que

Tal conhecimento é fundado pelas respostas simples à pergunta construída a partir do advérbio interrogativo onde. A justo título dizemos, pois, a Geografia dos Ianomâmis, a dos Maoris, dos Massais, dos Inuits etc., e a expressão *geografia* assim se refere nesse caso ao conjunto articulado de conhecimentos e comportamentos espaciais que são vividos e dão forma a esses grupos sociais. Alguns geógrafos denominam essas geografias como vernaculares (Claval, 2001). (Gomes, 2017, p.19)

Portanto, esse tipo de conhecimento geográfico está conectado a um saber espacial do cotidiano. Ocorre na relação direta do humano com o mundo, entretanto, diferentemente da sensibilidade espacial intrínseca ao “primeiro domínio”, agora por meio de sua capacidade de inteligibilidade. É um passo além da experiência sensorial, que é elaborado por meio da reflexão e começa a se estruturar em um conjunto de saberes e técnicas, como o domínio do movimento das marés por pescadores ou a orientação espacial, por meio dos astros entre os povos de regiões desérticas.

Estes dois primeiros domínios elencados por Gomes (2017) fazem parte do que poderíamos chamar de *geografia enquanto experiência de mundo*, pois ainda não constituem saberes sistematizados e organizados sob a forma de conhecimento científico, porém diretamente ligados à esfera do sensível ou de saberes vernaculares (Claval, 2010).

Quanto ao “terceiro domínio” da noção de geográfico, Gomes aponta que

é o ramo do conhecimento que, desde um passado remoto, se consagra ao estudo e à especulação sobre as causas e formas de entendimento da dispersão. Dito de outra forma, essa Geografia é o campo ou área de interesse que reúne inúmeras tradições, todas preocupadas em responder à questão do porquê da lógica das localizações, seja ela ordenada pelos elementos naturais ou pelos humanos. No mundo moderno, esse ramo do conhecimento se estabilizou sob a denominação de Geografia e corresponde ao que concebemos como a ciência geográfica. (Gomes, 2017, 19)

Desse modo, fica explícita a correlação entre este terceiro domínio referente à noção de geográfico e a concepção de Geografia como saber científico. Entretanto cabe analisar que os



“três domínios” propostos pelo professor Paulo Cesar da Costa Gomes dizem respeito a três acepções da palavra geografia que “embora muito raramente sejam apresentadas como relacionadas, são praticadas comumente na linguagem cotidiana” (Gomes, 2017, 20). Logo, desde a experiência sensorial do espaço, passando pelas chamadas geografias vernaculares (Claval, 2010), até a Geografia modernamente definida como saber científico todas essas manifestações do *geográfico* abrem uma gama de possibilidades para o ensino de Geografia, ainda que “cada uma delas correspond[am] a um mundo particular, com seu domínio autônomo, suas próprias práticas e significações” (Gomes, 2017, 20).

No transcurso da aludida obra, seu autor elabora um quarto domínio para o que é geográfico: a Geografia como uma forma original de pensar (Gomes, 2017). Para isso, ele elabora a noção de “quadros geográficos”. Não é nosso intento nos estender sobre essa discussão teórica. Entretanto, cabe-nos ressaltar aqui algumas passagens que nos abrem possibilidades. Vejamos:

...a imaginação geográfica parece ser provocada pelo uso inteligente das imagens, aquilo que chamamos de “quadro geográfico”. Esses quadros são sistemas de informações geográficas que se apresentam sob variadas formas gráficas e no limite até sob a forma de texto. A partir de uma base locacional dos dados, são criadas condições de “visualização” da posição, da forma e do tamanho dos fenômenos estudados. A possível conectividade entre eles é dada pela localização. Essas lógicas locais estão também relacionadas com a capacidade de imaginação, ou seja, embora de forma diferente, há um forte potencial para imagens textuais ou visuais produzirem novas imagens. (Gomes, 2017, p.140)

Pode-se observar, portanto, como os *quadros geográficos* podem aparecer até sobre a forma de texto. Nesta linha podemos inferir que a espacialidade inerente a uma obra literária ou a uma narração geográfica se insere nessa possibilidade de evocar a geografia como uma maneira de pensar que poderia ser organizada a partir da construção de imaginações geográficas. Neste sentido,

O quadro geográfico, essa forma de pensar, não é uma propriedade dos geógrafos, uma ferramenta que nos pertence. É uma maneira de organizar o pensamento que coloca em prioridade o desenho, o traçado, quando consideramos a localização das coisas, pessoas e fenômenos. Por isso, em muitas outras disciplinas, o uso desses “quadros” pode ser atestado, das mais abstratas às mais concretas apresentações. Pretendemos afirmar que, sempre que esses quadros, fundados na localização, são usados como instrumentos do raciocínio, há nisso uma forma geográfica de pensar. (Gomes, 2017, .146)



Assim sendo, ao coadunarmos nossa concepção de geografia à proposição do professor Paulo Cesar da Costa, ou seja, partindo da noção basilar da Geografia como uma forma de pensar. Podemos estabelecer de maneira mais consciente as possíveis conexões com a Literatura enquanto lócus discursivo. Um ponto de partida interessante seria reforçar essa ideia de uma geografia, ou espacialidade, que escapa ao geógrafo e que se efetiva como um fenômeno autônomo podendo se manifestar de forma extrínseca à Geografia, conforme nos informa Marandola Jr. (2009):

Tuan (1983, p. 180), em seu livro *Espaço e Lugar* aponta que na perspectiva da experiência “a arte literária chama a atenção para as áreas de experiência que de outro modo passariam despercebidas [...] uma função da arte literária é dar visibilidade a experiências íntimas, inclusive às de lugar”. Como espaço e lugar se fundem, pois são duas faces de uma mesma moeda, pode-se expressar a espacialidade como o caráter extrínseco da geografia. Espacialidade que se constrói a partir da realidade tanto a geográfica como a literária. (Marandola Jr., 2009, 497)

Também podemos compreender a espacialidade como parte inerente das narrativas literárias, indo muito além de palco para os personagens de uma trama. O espaço é parte constituinte do discurso literário que, por meio de sua linguagem simbólica elabora seus significados. Esta dimensão espacial na literatura fica evidente quando Ruy Moreira – no capítulo *Sertões: o universal no regionalismo de Graciliano Ramos, Mario de Andrade e Guimarães Rosa* de sua clássica obra *Pensar e Ser em Geografia* – ao analisar a relação entre Geografia e Literatura por meio da forma que a espacialidade sertaneja se manifesta em obras de diferentes obras cânone literário brasileiro afirma que

Os sertões de Graciliano Ramos, Mario de Andrade e Guimarães Rosa são e não são um mesmo. São a regionalidade concreta do recorte do espaço localizado e são a universalidade abstrata do homem no mundo, ao mesmo tempo. Isso porque o sertão é a geograficidade. É o combinado ser-espaço-tempo, a experiência de espaço e tempo (Harvey, 1992) que define o espaço como modo espacial de existência do homem. (Moreira, 2022, p.157)

Além da espacialidade observada enquanto um fenômeno constituinte da narração literária, também há uma geograficidade do real em seu contexto espaço-temporal que se implicará no discurso literário. Ou seja, por trás da obra, há um autor que existe enquanto sujeito



no mundo. Isso terá reflexo na construção artística e reverberará simbolicamente naqueles que tiverem contato com a obra. Deste modo, a produção literária é criadora de mundos e significações. Decorre, portanto, uma relação dialética na qual as relações sócio-históricas influenciarão tanto na constituição da espacialidade da obra, como estas serão geradoras de significados para apreensão do espaço geográfico vivido pelos homens. Neste sentido parto da noção de *imaginação geográfica* como elemento fundamental na cognição do mundo humano. Em outros termos, todos nós carregamos conosco imaginações geográficas produzidas a partir da nossa experiência de mundo tanto em nossas relações cotidianas como pelas práticas discursivas sob quais estamos submetidos. Portanto, a interseção Geografia-Literatura é um campo fértil para formação de um imaginário geográfico.

Doreen Massey em seu artigo *A mente geográfica* (2017) debruça-se sobre a questão do “pensar geograficamente”, ela argumenta “que muito da nossa “geografia” está na mente. Ou seja, nós carregamos conosco imagens mentais do mundo, do país em que vivemos (todas aquelas imagens da divisão Norte/Sul), da rua ao lado.” (p.37). Tais imagens são construídas ao longo de nossa vida e, evidentemente, são influenciadas por nossa posição ou localização no mundo. Neste sentido, a geógrafa britânica nos adverte que “tais imaginações têm efeitos poderosos sobre as nossas atitudes para com o mundo e sobre o nosso comportamento” (p.37). Assim sendo, a narração literária ao criar mundos, abre possibilidade para a produção de imaginações geográficas que possam influir no espaço geográfico reconhecendo as geometrias de poder que constroem este mundo altamente desigual.

Ainda neste célebre artigo, Massey apresenta trilhas para o campo de atuação docente em geografia.

A Geografia como disciplina está no currículo escolar por causa do valor que ela oferece para a educação do jovem. Pensar geograficamente contribui para os/as estudantes compreenderem e interpretarem as suas próprias reações às pessoas e aos lugares e para a reflexão sobre as perspectivas dos outros que podem ser diferentes das suas. Para possibilitar aos/as estudantes o “pensar geograficamente”, nós devemos garantir que a investigação geográfica considere necessariamente (diferencialmente) o poder. [...] A reflexão geográfica deve tornar explícitas as “imaginações geográficas” dos/das alunos/as e explorar de onde elas vêm. Eles/elas também devem expor contradições das imaginações geográficas em que grande parte da “sabedoria recebida” e muitas questões geográficas fundamentam-se. A Geografia pode, assim, cumprir esse objetivo crucial da educação - questionar, ao invés de aceitar, sem mais reflexão. (Massey, 2017, p.40)



Deste modo, uma geografia escolar engajada em um fazer pedagógico crítico e reflexivo (Freire, 2013, p.40) não pode pensar o desenvolvimento da imaginação geográfica como uma mera abstração, mas como uma ferramenta que ajude o aluno a se implicar enquanto sujeito no mundo. Consciente de sua posição geográfica, consiga articular a sua imaginação geográfica produzida no seu espaço vivido com outras imaginações geográficas forjadas na experiência da alteridade, no contato com a diferença. Que ele possa compreender as *geometrias de poder* desiguais e, também, acessar outros modos de ser e estar no mundo para poder alargar seu pensamento e projetar o mundo enquanto possibilidade.

A reprodução acrítica de um modelo de ensino de Geografia baseado em métodos descritivos da realidade inviabiliza a efetivação dos alunos enquanto sujeitos ativos na produção do conhecimento e opera como um dispositivo de legitimação de discursos hegemônicos. Portanto, como salienta Straforini (2018, p.189), “o processo de significação do conhecimento espacial que se produz e reproduz nas escolas também é uma prática espacial” e, como tal, será uma condição determinante para a visão de mundo e para as condições de existência dos alunos. Neste sentido, surge para este autor uma questão chave, pois ao prevalecerem práticas espaciais heterônomas ou hegemônicas na sociedade, afirma-se um cenário de produção de discursos legitimadores destas por meio do próprio ensino de Geografia como prática espacial de significação discursiva.

Dessa forma, torna-se premente buscarmos refletir sobre metodologias de ensino que criem linhas de fuga ao modelo tradicional de ensino e possibilitem alternativas aos discursos hegemônicos. Afinal, sendo a Geografia Escolar uma produtora de “visões de mundo a partir daquilo que seleciona (os conceitos e os conteúdos) e de como ensina esses conteúdos (metodologias de ensino)” (Straforini, 2018, p.192), a sua conexão com outros campos do saber e suas enunciações discursivas pode operar como um caminho que oriente o ensino para práticas mais significativas e contextualizadas.

Neste sentido, reforço a Literatura como um campo a ser explorado, pois a espacialidade presente no discurso literário não é circunscrita a uma mera descrição da paisagem. Vai além, manifesta-se como parte constituinte do enredo e revela uma trama de significação em que os sentidos dos lugares, as identidades territoriais, a percepção da paisagem e os sentimentos de desterritorialização, topofilia e topofobia (Marandola Jr, 2009) podem ser



revelados. Desta forma, o próprio espaço efetiva-se como um sujeito dentro da experiência narrativa dos textos literários, conforme aponta Cruz (2020) em seu artigo sobre o romance *Cem anos de solidão* do escritor colombiano Gabriel Garcia Márquez. Neste trabalho a autora aborda a cidade de *Macondo*, na qual se desenrola toda a trama do romance, não apenas como um cenário fictício, mas como uma personagem da narrativa.

A narração literária, ao desenvolver sua trama, situa os personagens em contextos históricos, sociais, culturais, políticos, econômicos e espaciais. Assim sendo, toda essa construção promove a criatividade e a imaginação do leitor, além de oportunizar experiências diversas, ajudando os estudantes a formarem conceitos e enriquecerem suas linguagens. (Mendes; Melo; Brandão, 2018)

Sendo as narrativas literárias compostas de espacialidades próprias, a Literatura pode acontecer como uma fenda aberta durante a aula e, portanto, fazer emergir novos significados e novas geografias não circunscritas a currículos previamente definidos e nos abrir possibilidades para a desconstrução de discursos hegemônicos cristalizados por meio de imaginários geográficos marcados pela força da colonialidade.

Portanto, devemos entender a colonialidade como uma “herança cultural, cognitiva e epistêmica” (Cruz, 2017, p.18) do processo de colonização europeia empreendido contra povos do Sul-global e que

...a colonialidade do poder, do saber, do ser e da natureza não é uma forma de dominação que usa exclusivamente os meios coercitivos para o exercício do poder; não se trata apenas de reprimir os dominados, mas também da instituição e naturalização do imaginário cultural europeu como única forma de relacionamento com a natureza, com o mundo social e com a própria subjetividade. (Cruz, 2017, p.16)

Por esta via podemos compreender como a colonialidade é uma força hegemônica na constituição do imaginário social e geográfico nas populações que habitam os territórios das ex-colônias europeias. Compreendendo poder da arte como criadora de mundos. Para a presente pesquisa optei por investigar especificamente o potencial da literatura para a descolonização de nosso imaginário geográfico. Afinal, como afirma Walter Mignolo, “a opção descolonial é epistêmica, ou seja, ela se desvincula dos fundamentos genuínos dos conceitos ocidentais e da acumulação de conhecimento. (2008, p.290)”



Essa inversão epistêmica proposta por Mignolo demanda a compreensão que nosso corpo e, portanto, nosso discurso pronuncia-se de um determinado lugar, pois como Haesbaert (2022) nos informa “Descolonizar significa, em primeiro lugar, reconhecer nossa situacionalidade (espaço-temporalidade) e, conscientes da especificidade dessa posição, aprender a ler o espaço, a geografia, a partir de nossa própria perspectiva.” (p.8)

Em *a terra dá, a terra quer*, Antônio Bispo é nos oferece um efetivo exemplo de descolonização do imaginário geográfico, pois ele subverte o discurso hegemônico, que apresenta o quilombo como um espaço, ainda que de resistência, encravado no meio das cidades moderno-coloniais quando afirma que

As cidades estão nos quilombos. Belo Horizonte é que está no Quilombo Souza, no Quilombo Manzo ou no Quilombo de Luízes, por exemplo. Não são os quilombos que estão em Belo Horizonte. Nos quilombos onde está Minas Gerais estão as mais importantes expressões contracoloniais compostas por nosso povo afroconfluente. [...] Não fizemos os quilombos sozinhos. Para que fizéssemos os quilombos foi preciso trazer os nossos saberes de África, mas os povos indígenas daqui disseram que o que lá funcionava de um jeito, aqui funcionava de outro. Nessa confluência de saberes, formamos os quilombos, inventados pelos povos afroconfluentes, em conversa com povos indígenas. No dia em que os quilombos perderem o medo das favelas, que as favelas confiarem nos quilombos e se juntarem às aldeias, todos em confluência, o asfalto vai derreter! (Bispo, 2024, p.42 e 44)

Para Bispo, ocorre o contrário, é a cidade que está ocupando o espaço do quilombo, a centralidade não está mais na cidade e sua arquitetura urbana, que é a expressão máxima do tecnicismo civilizatório moderno. O mundo não é apenas visto por ele a partir do quilombo, é o próprio quilombo. Porém este não é reduzido a limites geográficos, mas age como força motriz da imaginação geográfica quilombola. Uma imaginação que se confluencia, que experimenta a alteridade como soma, compartilhamento, e não como limite e dominação. O quilombo se forma a partir de saberes vindos de África que confluíram com os dos indígenas de cá e anseia o dia que apertará a mão da favela, esta que é uma fenda no seio da geograficidade ocidental.

Neste sentido, é preciso recuperar os discursos e as narrativas silenciadas pelo de processo universalização da modernidade ocidental, que se pretendeu como único modo de ser, existir e pensar possível. Contrapor a racionalidade colonial a partir dos saberes produzidos por mulheres e homens que habitam o altiplano andino, a floresta amazônica ou a periferia de uma grande cidade latino-americana. Trazer para o espaço escolar suas histórias, desconstruir velhos



postulados, ressignificar símbolos coloniais, contar nossas histórias e fazer emergir nossas geografias a partir de nós mesmos.

.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo aqui apresentado é derivado de uma pesquisa de maior envergadura, que visa a produção de uma proposta de formação continuada para professores de geografia sob uma perspectiva descolonial. Desta forma, a partir do aporte teórico acumulado, buscamos apresentar como dois campos discursivos como a Geografia e a Literatura podem dialogar e produzir aberturas para a contraposição e descolonização de discursos hegemônicos eurocentrados no âmbito da Geografia Escolar.

O pensamento ao se espaçar pelo mundo e informar o imaginário dos povos suscita para nós, professores de Geografia, uma condição específica: lidar com o infindável universo de poéticas que estão em cena durante uma aula de Geografia. Surgem a todo momento referências culturais, políticas, éticas e estéticas extremamente diversas. E ali estamos nós como mediadores dessa miríade de imagens e afetos que podem atravessar uma aula. Seja o mundo dos povos originários da América, ou das sociedades asiáticas, ou das populações dos grandes centros. Muitos mundos entrecruzam-se numa explosão imagética de relações de alteridade com as singulares imaginações geográficas dos alunos.

Em meio a esse caos, temos a responsabilidade de pluriversal (Mignolo, 2017) as possibilidades de existência. Retirar do centro as imagens e narrativas hegemônicas. Recuperar mitos e cosmologias e dialogá-los descentralizadamente com os saberes contidos nas epistemes dos documentos oficiais que normatizam os nossos currículos. Penso esse ser o horizonte de uma Educação Geográfica Decolonial: repovoar o imaginário e fazer Abya Yala² e América conversarem sem hierarquias, na fronteira (Mignolo, 2008).

² Abya Yala, na língua do povo Kuna, significa Terra madura, Terra Viva ou Terra em florescimento e é sinônimo de América. O povo Kuna é originário da Serra Nevada, no norte da Colômbia, tendo habitado a região do Golfo de Urabá e das montanhas de Darien e vive atualmente na costa caribenha do Panamá, na Comarca de Kuna Yala (San Blas). (Porto-Gonçalves, 2009, p.26)



REFERÊNCIAS

- AGUIAR, V. T. B de. Cognição e representação geográfica do espaço. In. Sociedade & Natureza, Uberlândia, II (21 e 22) p. 57-65, jan/dez 1999;
- BISPO, A. A terra dá, a terra quer/Antônio Bispo dos Santos; imagens de Santídio Pereira. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023
- CARNEIRO, S. Do Epistemicídio. In. *A construção do outro como não-ser como fundamento ser*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo. 2005
- CASTRO-GÓMEZ, S. Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da 'invenção do outro, In LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: Clacso. 2005
- CÉSAIRE, A. Negro sou, negro serei: conversas com Françoise Vergès. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2024.
- CRUZ, Ghiovana da Rosa Machado. Um lugar chamado Macondo. Palimpsesto-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, v. 19, n. 32, p. 212-230, 2020
- CRUZ, V. C. Geografia e pensamento descolonial: notas sobre um diálogo necessário para a renovação do pensamento crítico. In. *Geografia e Giro descolonial: experiências, ideias e horizontes de renovação do pensamento crítico*. 1ed. Rio de Janeiro: Letra capital, 2017, v. 1, p. 15-36.
- _____. A “teoria como caixa de ferramentas”: reflexões sobre o uso dos conceitos na pesquisa em Geografia. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓSGRADUAÇÃO E PESQUISA EM GEOGRAFIA, 10., 2013, Campinas. Anais. [S. l.]: Editora UFGD, 2013. p. 4454-4466.
- GOMES, P. C. C. Quadros Geográficos: uma forma de ver, uma forma de pensar. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.
- HAESBAERT, R. Viver no limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de insegurança e contenção. Editora Bertrand Brasil, 2018.
- MARANDOLA JUNIOR, Eduardo; OLIVEIRA, Livia. Geograficidade e espacialidade na literatura. *Geografia*, Rio Claro, v. 34, n. 3, p. 487-508, 2009.
- MASSEY, D. B. Pelo espaço: uma nova política da espacialidade. Tradução: Hilda Pareto Maciel, Rogério Haesbaert. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- _____. A mente geográfica. *GEOgraphia*, Niterói, v. 19, n. 40, p. 36-40, mai./ago. 2017.
- MENDES et al. Análise geográfica obras literárias: metodologia da Geografia Escolar. IX Fórum Nacional NEPEG. Caldas Novas. 2018



MIGNOLO, W. Desobediencia epistémica: Retórica de la Modernidad, Lógica de la Colonialidad y Gramática de la Descolonialidad. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2010

_____. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Cadernos de Letras da UFF 34: 2008 p.287-324.

MOREIRA, R.. Pensar e Ser em Geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. 2ª edição. 2ª reimpressão. São Paulo: Editora Contexto, 2022

OLIVEIRA JUNIOR, W. M.de. GIRARD, G. Diferentes linguagens no ensino de geografia. In: XI Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia. Goiânia, 2011. Anais do XI ENPEG, Goiânia, 2011, v.1, p. 1-9.

PORTO-GONÇALVES, C. W. Entre América e Abya Yala: tensões de territorialidades. Desenvolvimento e Meio Ambiente, Curitiba, v. 20, p. 25-30, jul./dez. 2009.

_____. De saberes e de territórios: diversidade e emancipação a partir da experiência Latino-Americano. In. Geografia e Giro descolonial: experiências, ideias e horizontes de renovação do pensamento crítico. 1ed.Rio de Janeiro: Letra capital, 2017 v.1, p. 37-56

_____. Apresentação da edição em português. In LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: Clacso. 2005

SILVA, I. A.; BARBOSA, T. O ensino de geografia e a literatura: uma contribuição estética. Caminhos de Geografia. Uberlândia/MG, n. 49, 2014, p. 80-89.

STRAFORINI, R. O ensino de Geografia como prática espacial de significação. Estudos Avançados, 2018